



A educação biocêntrica na educação continuada de professores – experiências possíveis

Márcia Luiza Machado Figueira é Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da ESEF/UFRGS.

Resumo

Esse trabalho trata da minha experiência com formação continuada de professores na rede pública de ensino do Estado de Mato Grosso no ano de 1999. Tematiza a educação biocêntrica como a concepção de educação que direcionou tal prática pedagógica.

Palavras-chave: Educação Biocêntrica - Formação de Professores.

Abstract

The present study concerns my experience with continuous formation in the public schools of Mato Grosso – Brazil – in 1999. It treats the biocentric education as a conception of education that has guided this pedagogic practice.

“A felicidade é uma função natural da nossa capacidade de ser inteiros, de ser verdadeiros, de ser tudo o que somos. A tarefa da educação é facilitar que a pessoa seja tudo o que ela é, nem mais, nem menos”.

(Roberto Crema)

Pensar a formação do professor pressupõe, também, pensar a escola como o local onde se expressa a ação desse ser que educa e, ao fazê-lo, se educa. Pressupõe identificar os limites e as possibilidades presentes na sua ação, expressos pela sua sensibilidade e inteligibilidade.

A escola, da maneira como está organizada, muitas vezes, não permite o diálogo. Nem o desenvolvimento das potencialidades de cada aluno. Ela atua pela lógica da padronização de comportamentos, da aquisição de hábitos e atitudes, da valorização de princípios individualistas onde importa mais ser o melhor do que ser solidário para com o outro. E assim a escola exclui porque pouco trabalha com as diferenças nem com o diálogo entre os diferentes.

Voltada para a formação do futuro de crianças e jovens, sobretudo, para o mercado das profissões, a educação formal, parece esquecer-se que esses vivem no e do tempo presente. E que é no presente que se formam como seres humanos.

A razão pela qual compreendo ser importante um trabalho continuado na formação dos professores reside no entendimento de que para melhorar e humanizar o processo de educação formal não basta mudar objetivos de ensino, grade curricular, nome de disciplinas, técnicas e estratégias metodológicas, forma de avaliação se não concentrarmos energias, também, na modificação dos valores de quem dá vida ao que se chama “processo educativo”. Isto é, os professores.

Humanizar a educação pressupõe, ampliar diálogos e formas comunicativas entre aqueles que

Humanizar a educação pressupõe, ampliar diálogos e formas comunicativas entre aqueles que vivem esse processo.





vivem esse processo. Para Francisco Gutierrez, educador da Costa Rica, é necessário devolver a espontaneidade ao processo educativo pois

“somente na espontaneidade e na naturalidade poderão se desenvolver as múltiplas possibilidades da pessoa humana ou dos grupos sociais. A falta de comunicação espontânea também transparece no aborrecimento de parte dos professores para quem “dar aula” é uma atividade compulsiva que realizam motivados por preencher uma pro-

Educar é formar humanos e, como bem sabemos, humanos não nascem prontos: fazem-se a cada dia mediante a ação do meio onde vivem e, fundamentalmente, da intervenção de outros seres. É na relação com o outro que nos construímos e por assim ser somos seres sociais.

grama e medir - também compulsivamente - através de exames que, às vezes, lembram um campo de concentração, tendo em vista um “massacre” freqüentemente coletivo. Impossível pedir superação e criatividade a um educador e a um educando fastiados e aborrecidos; sair do aborrecimento não é outra coisa que comunicar-se¹.

E comunicar-se é estabelecer contato com o outro, abrir-se, des-

bloquear olhos e ouvidos, o tato, o paladar, o olfato. Para tanto, é necessário, primeiramente, que cada um se perceba habitante de seu próprio corpo, possuidor e conhecedor de sensações e ritmos e, assim, ver-se parte e todo de um processo ininterrupto de aprendizagem que é a vida. Além dessa dimensão que é única e individual, no comunicar há também, uma dimensão social expressa nos caminhos que cada grupo vai vivendo, descobrindo e crescendo através de experiências coletivas e satisfatórias.

Motivar a comunicação e o diálogo no processo educativo só será possível se modificarmos a

concepção mecanicista de educação onde existe um ser que ensina e outro que aprende. E que esse aprender está fundamentado na aquisição de conteúdos relevantes. Um rompimento é necessário; rompimento esse que atua em dois sentidos: primeiro na percepção de que somos seres inacabados em constante processo de aprendizagem e construção. Portanto, abertos para ensinar a aprender, simultaneamente. Depois, é urgente romper com a idéia de que a educação se faz pela capacidade de desenvolver no aluno habilidades básicas para apreenderem os conteúdos tidos como relevantes para cada contexto histórico. Essa é apenas uma dimensão pois de nada adianta dominar os conteúdos se eles não estiverem permeados de valores que celebrem a vida, a humanidade a solidariedade, entre outros. E esses valores, ainda que possa soar estranho aos ouvidos de muitas pessoas, precisam ser “ensinados”. Eles não são apreendidos por osmose, hereditariedade. São produtos sócio-culturais que precisam ser constantemente lembrados, valorizados, trazidos do esquecimento. Educar é formar humanos e, como bem sabemos, humanos não nascem prontos: fazem-se a cada dia mediante a ação do meio onde vivem e, fundamentalmente, da intervenção de outros seres. É na relação com o outro que nos construímos e por assim ser somos seres sociais.

Ciente da importância que o professor tem na formação da criança e do jovem, como então não estar atento a sua pessoa? Ao que ele/ela pensa, sente, vivencia e transmite aos alunos. Como desejar uma educação humana se não estivermos atentos a esse humano que educa?

Fanny Abramovich, no seu livro “Quem educa quem?” faz a seguinte reflexão ao descrever a realidade que vive a maioria dos professores brasileiros:

“fui percebendo a dificuldade deste professor em trabalhar com o lado expressivo, solto, criativo de seu aluno, porque



desconhece todo este lado seu... Que só sabe manipular (e em geral mal) com o lado racional e cognitivo, por que é o único que lhe foi solicitado (e muito mal). Da sua dificuldade em lidar com a emoção (e a simbologia da qual ela se manifesta) de seu aluno, porque não sabe lidar com a sua própria. Da terrível dificuldade que tem de perceber seu aluno como um todo e propiciar o florescimento de todos os lados deste seu aluno, porque - ele, o professor - se desconhece como pessoa inteira, porque não se percebe integralmente, porque até se esqueceu de quem ele é.”²

Diante da necessidade de modificar as relações entre professores e alunos e, mais, de buscar a valorização profissional e pessoal dos professores procuro um outro olhar sobre a educação e, nesse sentido, busco nas reflexões de Clodoaldo M. Cardoso uma concepção de educação que se aproxima do que entendo ser possível trabalhar.

“Educar significa utilizar práticas pedagógicas que desenvolvam simultaneamente razão, sensação, sentimento e intuição e que estimulem a integração intercultural e a visão planetária das coisas em nome da paz e da unidade do mundo. Assim a educação - além de transmitir e construir o saber sistematizado - assume um sentido terapêutico ao despertar no educando uma nova consciência que transcenda do eu individual para o eu transpessoal”³

Ainda para esse autor,

“o ato de ensinar não é apenas transmissão de conteúdo científicos e técnicos para que o indivíduo desempenhe uma função social e/ou a formação de uma consciência crítica que o leve a ser sujeito transformador das estruturas sociais injustas. A educação deve, também, estimular o educando a aprender a aprender para de-

*envolver todas as potencialidades (...)
Educar é facilitar e orientar o aprendiz no caminho do crescimento da pessoa como um todo.”⁴*

Essa concepção holística de educação está fundamentada na ecologia. Não em uma ecologia antropocêntrica que vê na natureza apenas o cenário de desenvolvimento e realização da dimensão humana por meio de seu poder de transformação do ambiente natural pelo trabalho. Mas uma ecologia profunda que recupera eticamente nossa dimensão de ser participante do sistema vivo planetário.

O paradigma que orienta essa concepção de educação pode ser reconhecido a partir de uma visão holística de mundo que concebe o mundo como um todo integrado e não como uma coleção de partes dissociadas. Pode, também ser denominada de visão ecológica, se o termo ecológico for empregado num sentido muito mais amplo e profundo que o usual.

Para Fritjof Capra,

“os dois termos “holístico” e “ecológico” diferem ligeiramente em seus significados e parece que “holístico” é um pouco menos apropriado para descrever o novo paradigma. Uma visão holística, digamos, de uma bicicleta significa ver a bicicleta como um todo funcional e compreender, em conformidade com isso, as interdependências das suas partes. Uma visão “ecológica” da bicicleta inclui isso, mas acrescenta-lhe a percepção de como a bicicleta está encaixada no seu ambiente natural e social - de onde vem as matérias primas que entram nela, como foi fabricada, como seu uso afeta o meio ambiente natural e a comunidade pela qual ela é usada, e assim por diante. Essa distinção entre “holístico” e “ecológico” é ainda mais importante quando falamos



*sobre sistemas vivos para os quais as conexões com o meio ambiente são muito mais vitais”.*⁵

Mudar de paradigma requer uma expansão não apenas de nossas percepções e maneiras de pensar mas, sobretudo, de nossos valores. Portanto, modificar a concepção de educação presente nos professores constitui-se num grande desafio e a Educação Biocêntrica, no meu entendimento, pode auxiliar porque está fundamentada em paradigmas que se aproximam da visão holística e ecológica.

Mudar de paradigma requer uma expansão não apenas de nossas percepções e maneiras de pensar mas, sobretudo, de nossos valores.

A Educação Biocêntrica, surge a partir de desdobramentos do Sistema Biodança, criado por Rolando Toro Araneda em 1965, no Chile, cujos pressupostos teóricos estão ancorados na biologia, psicologia e antropologia.

Este sistema, inicialmente denominado de Psicodança evoluiu de uma visão antropocêntrica para uma visão biocêntrica de ser humano denominando-se, então, Biodança. O prefixo bio deriva do termo *bios* que significa vida e a palavra dança incorpora o significado de movimento integrado, pleno de sentido. Biodança é, assim, compreendida como sendo a dança da vida.

Na década de setenta, desponta a Educação Biocêntrica tendo como mediadora a Biodança. Enquanto uma possibilidade de trabalhar no âmbito da educação, buscou dialogar com a esfera do conhecimento científico e não apenas transferiu o sistema de Biodança para os espaços pedagógicos.

Percebo que esses princípios contribuem na construção da ação educativa necessária para humanizar a educação formal porque essa só acontece visto que há a ação humana de profes-

sores e professoras que, cotidianamente, ensinam diferentes saberes, todos permeados por valores. Percebo, também, grande possibilidade de articular conhecimentos que tragam um novo conceito de educação, comprometida com o crescimento humano e a ampliação de uma consciência planetária que resgate o princípio biocêntrico, a vida como o mais precioso valor, a inteligência à serviço do desenvolvimento sustentável.

Dialogando com a concepção de educação biocêntrica, direciono meu trabalho através de uma concepção de linguagem corporal que está fundamentada em autores como Jean Le Boulch⁶, Vitor da Fonseca⁷, André Lapierre⁸ e Jean Tamboer⁹, entre outros. Esses autores têm me ensinado que as primeiras trocas que a criança efetua com a mãe, por exemplo, são fundamentalmente trocas corporais: contato, calor, olhar, cheiros, etc. A partir desta “linguagem do corpo”, que constitui a base de todas as comunicações humanas, vão progressivamente emergir e se desenvolver trocas cada vez mais socializadas que se expressam de diferentes maneiras, como a linguagem gráfica e a linguagem verbal. A criança, por exemplo, ao mesmo tempo que se comunica corporalmente com pessoas e objetos vai reconhecendo a linguagem verbal (que inicialmente era um fundo sonoro, uma espécie de música ambiental) como tendo significados que expressam valores, necessidades, sentimentos, conceitos e, então, começa a assimilá-la enquanto possibilidade de expressão.

Assim, a linguagem verbal não encerra todas as necessidades de comunicação. Ela é necessariamente uma redução da comunicação ou ainda do que se deseja enunciar. Por isso, é fundamental que se considere a linguagem corporal, visto que todas as nossas emoções, sentimentos, desejos, reações conscientes e inconscientes, tudo que somos se expressa em gestos e atitudes. É ainda necessário considerar que todas essas atitudes e gestos, às vezes, não relacionam-se com os



comportamentos verbais que os acompanham. A linguagem verbal pode ser utilizada para mostrar sentimentos e desejos, como também, para tentar mascará-los.

Observar o movimento humano como linguagem corporal pressupõe entender que o ser humano vive com o seu ambiente um constante processo de trocas. Além disso, nos remonta a entender que o princípio desta linguagem reside na ação, no agir, na atividade. “O movimento humano deve ser entendido não apenas através de seus aspectos físicos, mas especialmente, através dos significados que traduz pois o movimentar é um diálogo do indivíduo com as pessoas, as coisas e o mundo. Movimentar é um comportamento pleno de sentido”; é, ao lado do pensar, do falar, entre outros, uma das muitas formas nas quais a correlação original entre o indivíduo e o mundo se manifesta. Ou seja, é no movimentar que o indivíduo se relaciona com algo exterior a ele próprio, que pode ser outro indivíduo ou um objeto.

Nessa concepção de movimento, o desenvolvimento da criança passa a ser visto como expressão e aprofundamento do diálogo ser humano/mundo e essa linguagem, prioritariamente corporal, conduz à elaborações dos conceitos. Ao movimentar-se a criança conhece a natureza do mundo muito antes de estar em condições de interpretá-lo em conceitos e símbolos. O desenvolvimento de uma criança pequena dirige-se, por exemplo, do agarrar a bola para depois conceituar o que é a bola, e não ao contrário.

Portanto, o movimentar-se não acontece no abstrato. Acontece através de seres que se movimentam e que vivem em contextos históricos diferenciados. Nesse sentido, é necessário analisarmos a simbologia do movimento, isto é, que o movimento enquanto linguagem está carregado de significados que traduzem determinados símbolos sendo, por conseguinte, considerado um elemento constitutivo da cultura.

Essa concepção de movimento, tão necessária à formação do educador, uma vez que subsidia a compreensão do ser humano e de como ele aprende, está, ainda, em sua maioria, ausente nos cursos de formação do profissional que vai atuar na educação formal. Motivo pelo qual busquei nos estudos de Vigotsky fundamentação teórica para melhor compreender como se dá, ao longo da história, o processo de desenvolvimento e de aprendizagem.

Para esse autor, dada a necessidade de produzir a sua própria existência, o ser humano através do trabalho (da atividade) percebeu a importância do convívio em grupo, o que lhe impingiu a obrigatoriedade de se comunicar. Aparece, então, a linguagem que,

lado a lado com o trabalho servirá de estímulo essencial às modificações sofridas pelo ser humano. Nosso cérebro tal como o conhecemos hoje, sofreu transformações: hominizou-se; nossos órgãos dos sentidos aperfeiçoaram-se e nossa estrutura sofreu mudanças. Nosso corpo se modificou, começamos a ter a possibilidade de pensar, emitir juízos, conceitos, a abstrair, mediante nossa

condição de ser social, de viver na coletividade; e, esta “sociabilidade” diferencia-se do “convívio social” dos animais justamente pela questão da atividade, uma vez que estes agem instintivamente e são incapazes de produzir sua existência. Limitam-se a atender suas necessidades básicas que são biológicas.

O ser humano vai modificando suas atividades com o objetivo de saciar suas necessidades, que

“O movimento humano deve ser entendido não apenas através de seus aspectos físicos, mas especialmente, através dos significados que traduz pois o movimentar é um diálogo do indivíduo com as pessoas, as coisas e o mundo. Movimentar é um comportamento pleno de sentido”





se ampliam e se diversificam. Cria objetos, instrumentos, bens materiais etc., e esse progredir no tocante às coisas materiais traz inerente o desenvolvimento da cultura. Assim as aptidões e características humanas não são transmitidas só pela hereditariedade; são adquiridas também ao longo da vida pela acumulação da cultura criada pelas gerações precedentes.

Para Vygotski as funções psíquicas superiores do ser humano são gestadas inicialmente dentro do coletivo, são funções mentais desenvolvidas pela participação em atividades conjuntas. Somente depois estas funções se convertem em funções da personalidade. Nas suas palavras “*qualquer função aparece duas vezes em cena, no desenvolvimento cultural da criança, e em dois planos: primeiro no social e, então, no psicológico. Primeiro entre pessoas... depois no interior de cada uma*”.¹⁰

É importante ressaltar que essa apropriação do já existente no social pressupõe sempre um processo ativo por parte do indivíduo, que lhe cria novas aptidões e funções psíquicas, diferentemente dos animais que se dá frente à adaptação individual às condições de existência. No ser humano, a assimilação é um processo de reprodução no indivíduo daquelas propriedades historicamente formadas pela própria espécie que só acontecem à luz de sua comunicação com os outros indivíduos através da transmissão do que se produziu material e espiritualmente. E essa comunicação não expressa-se somente através da linguagem gráfica e verbal mas efetivamente pela linguagem corporal.

Tendo em vista a compressão de que o ser humano se constrói através da interação social que estabelece com o outro e com o mundo e que a linguagem corporal é fundamental nesse processo, percebi que a Educação Biocêntrica, ao privilegiar o trabalho com diferentes linguagens, pode ser dinamizadora da humanização do indivíduo na medida em que trabalha a integração

através de grupos.

Tomando como eixos norteadores de meu trabalho com formação continuada de professores os referenciais teóricos acima explicitados, os cursos e oficinas por mim desenvolvidos junto à rede pública de ensino de Mato Grosso buscam, para além de transmitir conhecimentos e conteúdos, valorizar a vida de cada um e resgatar seu potencial criador enquanto seres protagonistas da sua própria história. Utilizando a metodologia do processo, estabeleço uma mediação pedagógica que busca que os indivíduos-sujeitos da educação “*encontrem sentido a su vida, a su hacer cotidiano, que puedan tomar aquellas decisiones, realizar las acciones pertinentes de modo que logren ser sujetos, protagonistas de su devenir por personas, seres historicos*”¹¹

Oriento meu agir para o desenvolvimento de capacidades criadoras, como por exemplo, observar, sentir, ver, ouvir, criar, elaborar, criticar, indagar, relacionar, etc. Entendo que é papel da educação promover essas capacidades criadoras de modo desafiador e por meio de situações provocadoras, como problemas a serem resolvidos, possibilitando ao sujeito levantar, questionar e investigar temas da própria realidade e estabelecer relações com o conhecimento científico.

Nesse sentido, o papel do professor na dinâmica da revolução na e da escola não pode ser reduzido a algo imutável, pois ele é um ser histórico-social; sendo assim, é de vital importância que esteja efetivamente sensibilizado, motivado e comprometido com o querer fazer, refletindo sempre a sua prática pois assim estará adquirindo uma consciência humana e crítica sendo o verdadeiro impulsionador na busca da construção do saber.

Ciente da importância do papel do professor na formação do ser humano, procuro direcionar meu trabalho para a valorização da vida onde os conteúdos trabalhados nas suas diferentes es-



peculiaridades vinculam-se a questões como:

- a valorização da auto-estima;
- o reconhecimento da existência das potencialidades de cada um;
- o sentido e o significado que cada conteúdo tem para cada indivíduo;
- o vínculo entre teoria e prática (ou seja, onde os conhecimentos apreendidos podem ser expressos);
- o reconhecimento das diferenças;
- a valorização da expressão de cada um (oral, gráfica, pictórica e corporal);
- a opção metodológica de trabalho em grupos onde há a possibilidade de uma comunicação dialógica.

É através de diferentes dinâmicas de trabalho em grupo que estabeleço a integração do pensar, do sentir e do agir sendo que essas dinâmicas constituem-se num espaço bastante significativo para o desenvolvimento do trabalho, na medida em que me permite aproximar os conteúdos daqueles valores que acredito serem fundamentais para solidificar uma prática pessoal e pedagógica voltada para a valorização da vida.

Na tentativa de explicitar como se dá esse trabalho descrevo, a seguir, algumas experiências que realizei em cursos de formação continuada com professores do ensino fundamental da rede pública do Mato Grosso no ano de 1999.

Realizei, como membro da equipe pedagógica da Secretaria Estadual de Educação, diversos cursos e oficinas em diferentes cidades do Estado, ora trabalhando com professores graduados, ora com professores leigos. Cito, aqui, apenas alguns exemplos das dinâmicas propostas e como estas podem integrar-se ao trabalho de formação continuada.

Através de jogos, caminhares, piques, danças rítmicas em pequenos e grandes grupos e em rodas, por exemplo, objetivei despertar a alegria de viver e estimular o ímpeto vital desse ser que é responsável pela educação de outros seres. Entendo que sentir a alegria de estar em movimento (o prazer cinestésico) pode possibilitar a construção de um ser solidário e afetivo que partilha o momento de estar com o outro de forma prazerosa.

Em outra experiência, ao trabalhar conteúdos da Gestão Democrática onde é imperioso repensar a escola e as relações cristalizadas em torno de um modelo hierarquizado de organização, percebo um novo desafio que é: como passar do modelo de gestão que temos para o que queremos.

Para atingir tal objetivo, primeiramente é preciso quebrar paradigmas e ousar um novo modo de olhar a vida, criar relações solidárias e afetivas no local de trabalho tendo como meta a construção de uma escola que tenha seu projeto fortalecido na vontade e desejo de uma comunidade comprometida com a melhoria da qualidade de vida de seus membros, onde aprender na convivência seja uma conquista prazerosa para o ser.

Nas dinâmicas desse módulo busquei dar ênfase em termos como afetividade e criatividade fazendo trabalhos onde a vitalidade aparece em jogos e diferentes caminhares. A vitalidade aqui é vista como o ímpeto vital a força para caminhar, mudar e buscar outra direção.

A possibilidade de integração com o demais profissionais da escola, permite perceber, através da vivência integradora que as mudanças ocorrem num movimento contínuo e ao estarmos juntos falando sobre elas nos percebemos autores e presentes nesse processo. Ao ouvir o outro e ser ouvido vivencia-se a aprendizagem da atenção e, assim, convido os professores a experimentar um caminho que traga a confiança no



companheiro/a de trabalho que compartilha dos mesmos sonhos.

Em outros momentos e dinâmicas valorizo a vivência da alegria, da aceitação e do ouvir sem julgamento, buscando o exercício da reflexão e o aprendizado do saber colocar-se, ou seja, expor suas idéias e sentimentos.

A criatividade é vivenciada através de jogos a dois, a três ou com vários participantes onde é trabalhada a expressão de diversos ritmos e a criação de movimentos a partir de alguns já conhecidos e também através de atividades que envolvam a linguagem pictórica (desenho).

Esses exemplos devem ser lidos não como regras fixas que sigo em cada trabalho mas como formas de integrar conteúdos e valores. Dependendo de cada turma, da especificidade do trabalho a ser desenvolvido e do tempo-espaço disponível para tal, proponho um trabalho mais humano de resgate da auto-estima e da valorização do potencial de cada um. Segundo Rolando Toro, “a afetividade determina a evolução completa do ser humano desde a etapa intra-uterina até a maturidade. Razão pela qual, a capacidade de aprendizagem, a memória e a percepção estão fortemente condicionadas pela afetividade”.¹²

Coragem, ousadia, reconhecimento dos potenciais, valorização da mudança, ver a si próprio, são algumas das questões que percebo desenvolver neste trabalho que realizo.¹³ Ou seja, identifico que os professores sentem-se mobilizados, naquele momento em que o curso acontece, a pensar sua intervenção pessoal e política no sentido de estarem mais abertos às modificações que podem redimensionar sua atuação. A abrir janelas e portas para deixar que novos ares penetrem esse interior muitas vezes saturados de mesmice e estagnação.

E assim quem sabe, mudar e ao mudar repensar seu papel dentro do contexto da escola e da relação com seus colegas e alunos.

Referências Bibliográficas

1. ABRAMOVICH, Fanny. *Quem educa quem?* São Paulo: Summus, 1985.
2. CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. *A canção da inteireza: uma visão holística da educação.* São Paulo: Summus, 1995.
3. CAPRA, Fritjof. *A teia da vida - uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.* São Paulo: Cultrix, 1996.
4. FONSECA, Vitor. *Escola, escola quem és tu?* Lisboa: Básica Editora, s.d.
5. GUTIERREZ, Francisco. *Linguagem Total: uma pedagogia dos meios de comunicação.* São Paulo: Summus, 1978.
6. GUTIERREZ, Francisco et alli. *De la demanda a la proclama: pedagogía para la educación en derechos humanos.* Sierra Moncada: Heredia, 1996.
7. LAPIERRE, André e AUCOUTURIER, B. *Fantasmas corporais.* São Paulo: Manole, 1984.
8. LE BOULCH, Jean. *A educação pelo movimento.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
9. VYGOTSKY, L., *Formação social da mente.* Lisboa: Estampa, 1981.
10. TAMBOER, J. *Movimentar-se um diálogo entre o homem e o mundo.* Mimeo, 1994.
11. TORO, Rolando. *Tomo I.* Apostila da escola de Biodança de Cuiabá. 1998.

Notas

¹ Francisco Gutierrez, *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*, p. 32.

² Fanny Abramovich, “*Quem educa quem?*”, p. 93

³ Clodoaldo Meneguello Cardoso, *A canção da inteireza - uma visão holística da educação*, p. 53.

⁴ Idem, p. 53.



- ⁵ Fritjof Capra, *A teia da vida - uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*, p. 25.
- ⁶ Jean Le Boulch, *A educação pelo movimento*.
- ⁷ Vitor da Fonseca, *Escola, escola quem és tu?*
- ⁸ Andre Lapierre e B. Aucouturier, *Fantasmas corporais*.
- ⁹ Jean Tamboer, *Movimentar-se: um diálogo do homem com o mundo*.
- ¹⁰ L. Vygotsky, *Formação social da mente*, p. 45.
- ¹¹ Francisco Gutierrez, *De la demanda a la proclama: pedagogía de educación para los derechos humanos*, p. 35.
- ¹² Rolando Toro, *Tomo I*, p. 32.
- ¹³ Ao final de cada curso realizo uma avaliação com o grupo de professores, São os depoimentos e registros escritos que eles trazem nesse momento que me levam a fazer tal afirmação.